

## **Cápsula para o passado: memórias de uma criança bicha**

Douglas William Oliveira Knop Vicentin<sup>1</sup>

**Resumo:** Este é um ensaio sobre memórias de uma criança bicha. A partir de consciência de la Mestiza de Anzaldúa, e como método, utilizaremos a autohistoria-teoria em um processo brincante de escrita. Entendo esse processo como um ato político de resgate da potência e resistência de corpos atravessados por sofrimento, silenciamento e apagamento de nossas formas de brincar, imaginar e de contar a própria história, bem como de produzir conhecimento que permita (re)imaginações de tempo e de construção de conhecimento não-hegemônicos. É uma carta enviada para o passado como um processo alquímico, como possibilidade de ressignificação da fragmentação multidimensional no corpo/mente, da própria memória de uma história (re)contada e (re)significada para o passado e futuro, ou seja, é um artesanato da simplicidade, do singelo, que não oferece resposta. É um resgate do íntimo do processo de des(aprendizagem) do silenciamento, de recuperação do próprio corpo, da (re)imaginação, que possa ensaiar parar aqui e agora, neste último corpo, para que possamos sonhar, sentir e (in)ventar outras possibilidades, outras rotas de fuga de ser, de estar e brincar no mundo.

**Palavras-chave:** Memória; Criança; Brincadeira; Mestiza.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudo da Condição Humana pela Ufscar campus Sorocaba. Psicólogo pela Universidade Paulista. Integrante do NEGDS (Núcleo de Estudos em Gênero, Diferença e Sexualidades. douglas.knop@estudante.ufscar.br.

## **Introdução**

Lembro-me de, quando criança, ter visto algo muito incrível no programa *Fantástico*, que até hoje vai ao ar aos domingos. Era uma reportagem sobre uma cápsula que seria enviada para o futuro. O objetivo dessa cápsula era enviar ao futuro objetos, figuras, diários, enfim, algo memorável que seria conservado e poderia ser visto depois de alguns anos pelo seu “eu” do futuro ou por outras gerações dentro de uma espécie de cápsula. Senti que era possível brincar com o tempo e até fazer magia.

Proponho que enviemos uma cápsula para o futuro, ao invés de para o passado, contendo uma carta para a criança que fomos. Então, é disto que este ensaio se trata: poder olhar para as próprias memórias e contar histórias outras.

## **Brincando com o tempo**

Como começar uma carta para uma bichinha de Sorocaba, do interior de São Paulo, para uma criança bicha? Ou seria bicha criança? Gata, a senhora é uma bichinha cheia de vida, mas enfrentará alguns desafios num país como o Brasil, numa cidade como Sorocaba e no Sul do mundo.

Escrevo esta carta sentada numa cadeira gamer, em frente a uma pequena mesa cheia de coisas sobre ela: uma garrafinha de água, um copo com giz de cera, canetas e lápis jogados despreziosamente. Estou sentado com a perna direita sobre a esquerda, com as mangas da camisa dobradas e me esforço para fugir da escrita formal e racional. É desafiador utilizar o método da autohistoria-teoria em um corpo em desaprendizagem. Não é fácil.

Fecho os olhos, sinto a fralda branca ao colo. Sentado no piso vermelhão do corredor de casa, espero a remoção do produto de tratamento de piolhos. Não estou sozinho. Ao meu lado há alguém aguardando para repetir o mesmo processo. Não recordo quem era, poderia ser um amigo ou meu irmão caçula, não me lembro ao certo.

Estava tão animado e com pressa de brincar que decidi, ali mesmo, começar a brincadeira.

Com a cabeça em direção à fralda para não cair piolhos mortos, gritei rapidamente – pois, nessas brincadeiras, quem fala primeiro tem o direito de escolher seu personagem – “Sou o Ranger vermelho”. Subitamente minha cabeça se encheu de vergonha e tristeza, pois fora a primeira vez que fui impelido a des-sejar. Já que naquela época não dispúnhamos de muitos brinquedos, a brincadeira mais comum era a de imaginar. Havia culpa e conflito dentro de mim: sentimentos construídos e formatados por uma tecnologia de gênero que produz e reproduz uma cisheteronorma, que des-faz *corpomente*<sup>2</sup> adentrando expectativas através do genital, do binário, construída antes mesmo de nascermos e que atravessa fortemente os corpos na infância, para uma regulação rumo à heterossexualidade (Bento, 2011).

Sempre tive predileção pela Ranger rosa, que era interpretada por uma jovem mulher cis branca, praticante de ginástica artística, mas havia expectativas em torno do brincar que reproduzisse a performance de gênero hegemônica para meu corpo: o personagem do Ranger vermelho era lutador de artes marciais, que representava a liderança, o fogo, o controle, o “mais forte” e era interpretado por um ator cis, branco.

Esse processo de *heteroterrorismo* (Bento, 2011), que toma a heterossexualidade como norma, aos poucos, mina e violenta as subjetividades das crianças e, talvez mais ainda, as que perfomam e brincam fora dessa norma, enquadrando em quais brincadeiras e comportamentos cada corpo deve performar. Nesse modelo heteroterrorista, as crianças são vigiadas todo o tempo: “ande igual homem”, “fale grosso”, “pare de rebolar” ou “seja delicada”, “brinque com boneca”, entre outros.

No entanto, nossos desejos e práticas, enquanto crianças, desafiam e constroem subversões e desordem que afetam os ambientes, mas também nos afetam, nos

---

<sup>2</sup> Utilizo o conceito de corpomente por compreender o corpo e a mente como inseparáveis, visto que é essa dicotomização racionalidade/emoção, corpo/mente é um projeto colonial de compreensão da própria experiência.

deixando, muitas vezes, desorientados entre a busca por amor e aceitação da família e dos amigos e a forma de ser e existir nas fronteiras do gênero. A sensação de desorientação causada nesse cenário nos impõe um jeito “normal” e “humano” de se comportar e de ser: o “jeito heterossexual”. As demais formas são tidas como “outras”: pessoas “estranhas” e “abjetas”. Algumas pessoas que passam por isso até podem e conseguem se assimilar, outras não querem ou se tornam inassimiláveis.

Quando falo de corpos inassimiláveis, estou falando dos corpos além do ponto de vista da dissidência sexual, mas também de corpos racializados, corpos de mulheres, corpos com deficiências, corpos explorados, corpos indígenas, corpos de crianças e velhos, corpos marcados como loucos, trans, não-binários, lésbicos, de putas, corpos que foram ignorados no genocídio durante a pandemia de covid 19, de trabalhadores, principalmente, das trabalhadoras domésticas. Enfim, todo corpo não pertencente à lógica moderna ocidental de humanidade e que entrelaça consubstancialmente, complexa e singularmente marcas de diferenças nas relações que são transformadas em desigualdade.

A desorientação e as violências cotidianas que vivenciamos nessa sociedade, feita para que nela não caibamos, deixam nossos corpos fragmentados diante da ambivalência de não pertencer a uma cultura inteiramente, rompendo e fragmentando a psique do(a) sujeito(a), causando sofrimento, insegurança e indecisão (Anzaldúa, 2005).

Obviamente, minha infância não foi só de sofrimento e dor. Não quero ficar preso à posição de vítima ou a qualquer ferida. Preciso ir além. Tive inúmeras alegrias: muitos banhos de chuva regados à lama, filmes da *Sessão da Tarde*, Tazoo, figurinhas e álbuns, Super Nintendo, bolinhas de gudes, futebol na pracinha, dedão do pé esfolado no asfalto e, por mais dificuldades que tenha enfrentado, tive uma família que lutou muito para que sempre tivéssemos comida na mesa.

## **Uma criança bicha**

Peço que tomemos o cuidado para compreender minha história apenas como mais uma dentro de uma pluralidade de existências e (re)existências que podem ser nomeadas por infância queer, criança viada, criança bicha, enfim, que são atravessadas pelas dissidências de gênero e/ou sexualidade. Muito menos, procuro aqui ensejar uma história de uma identidade de vítima gay que, ao final, será vista como heroica. Nada disso. Talvez, alguém em exercício da busca por desconstrução e desnaturalização dos estigmas sociais através da politização e reflexão da ferida. Arrisco, neste ensaio, uma tentativa de romper com o pensamento binário, estigmatizante e as possibilidades totalizantes e universais de uma história de bicha, polida e organizada a partir do ponto de vista acadêmico hegemônico.

Algumas de nós, crianças bichas, trazem consigo traços afeminados que nos acompanham em nosso dia a dia e nos trazem uma ambiguidade de sensações. Lembro facilmente, em minha memória, de um passeio de fim de ciclo da creche, no final do primeiro ano. Eu tinha cerca de quatro ou cinco anos. Foi a primeira vez que havia entrado num ônibus e viajado com alguém que não fosse minha mãe ou alguém da família. Estavam todas as crianças muito felizes e de queixo caído por estarem no Parque da Mônica, em São Paulo. Extremamente colorido, grande e cheio de atrações, não demorou muito para que todas as crianças corressem para longe das professoras e poder brincar.

Ao descer do ônibus e adentrar no espaço, logo observei a forma como as crianças corriam desesperadas para brincar. As professoras se reuniram para conversar enquanto o motorista do ônibus inclinava sua cadeira para dormir enquanto aguardavam o término do evento. Fui o último a sair do ônibus. Sem pressa, andava lentamente, tentando ganhar tempo para analisar o que estava acontecendo. Olhava tudo, tentando organizar os sentimentos internos. Neste exato momento me ocorreu uma desorientação: algo me dizia para ficar próximo da professora, alguém conhecida, é claro, que talvez

pudesse gerar um pouco de segurança. Mas o que me amedrontava? Outro impulso me arrastava para brincar, o mesmo impulso que fazia as crianças correrem sem nem pestanejar. Depois de ouvir algumas frases motivadoras da professora, entendi meu medo: não éramos os únicos naquele espaço, havia muitas outras crianças desconhecidas, de outras escolas, o que tornava tudo muito frenético e divertido. Será?

Corri, levado pelo impulso de novidade e diversão e me encontrei em um espaço cheio de pequenas casinhas coloridas com desenhos dos personagens da Turma da Mônica, dos gibis que sempre lia. Eram casinhas em que cabia apenas uma pessoa por vez e serviria de esconderijo perfeito para brincadeiras. Algumas eram do tipo iglu, tão pequenas e baixas que era possível subir nelas. Vi muitas crianças se escondendo e percebi que estavam brincando de esconde-esconde. Arrisquei-me. Perguntei a um garoto desconhecido se poderia brincar junto dele. Com olhar de estranhamento, o garoto questionou sobre o motivo de a minha voz ser daquele jeito. Anasalada, fina, fanha ou, poderia hoje dizer, afeminada.

Naquele momento, entendi intuitivamente que algo dentro de mim buscava me preservar. A sensação de desorientação era, na verdade, uma autoadvertência do questionamento frequente que não sabia responder e acontecia em cada novo encontro. Sem ao menos responder o garoto, voltei ao espaço em que as professoras estavam conversando e, dessa vez, fui questionado sobre o motivo de estar ali. – Porque não vai brincar? – Estou sem vontade. Respondi, para encerrar o assunto.

Quebramos a lógica do gênero e somos quebrados por ela, somos potência e ferida, estilhaços e fragmentos de nossos corposmente, nepantilismo mental, segundo Anzaldúa (2005). Ao mesmo tempo penso que podemos ser uma pequena semente de subversão, uma fissura na lógica cisheteronormativa: outra criança encontrando meninos com voz anasalada que desperta o estranhamento. Encontrei nessa situação uma forma de sobreviver, de fugir, uma rota de fuga. Ser criança e passar pela experiência de não pertencimento promove uma contradição entre violência e

resistência, que permite uma (re)existência e formas de driblar e tomar consciência desse processo: habitar a fronteira da identidade.

Em um ensaio interpretativo do trabalho de Anzaldúa, “On Borderlands/La Frontera”, Maria Lugones (2014) cita Anzaldúa em sua experiência de infância e o contato com a opressão já na infância: “Desde muito nova eu tive um forte senso de quem eu era e o que era justo... Cada pedacinho de autoconfiança que era recolhido meticulosamente levava uma surra diária. Nada na minha cultura me aprovava.” (Tradução nossa).

No mesmo texto, a autora aprofunda os conceitos da psique da experiência da pessoa oprimida nos estados mentais de intimidade terrorismo e *coatlícue*, reconhecendo-a como uma teoria psicológica da resistência à opressão, envolvendo a capacidade do surgimento de uma consciência, a consciência *mestiza*.

No estado de intimidade terrorismo, o sujeito se sente rejeitado, oprimido e sua capacidade de resposta é limitada, paralisada. Não pertence às culturas dominantes ou é separado de sua cultura mãe tornando o movimento de vida extenuante, depressivo, pois é lançado a denominar-se em uma expectativa identitária. Já *coatlícue* é um estado intermediário de criação e vida, no entre lugar das culturas, espaço onde habita a fronteira e a hibridez identitária/geográfica, suportando a ambiguidade e tolerância às diversas contradições de um sujeito atravessado por muitas mensagens e significado de culturas diferentes (Lugones, 2014).

Foi através da própria experiência de opressão que Gloria Evangelina Anzaldúa desenvolveu seu pensamento em defesa de autodefinição e autodeterminação, compreendendo a escrita e a linguagem como formas de resistência para a tolerância e abertura para a desconstrução de perspectivas hegemônicas (Palmeira, 2020).

Portanto, a leitura e a linguagem emergem como possibilidades de abertura da consciência, do autoconhecimento e do rompimento com imposições rígidas das normas hegemônicas, permitindo resistir, sobreviver e construir formas mais flexíveis de ser e estar no mundo.

No Brasil, vivemos dentro de uma sociedade em que há parâmetros da defesa dos direitos das crianças. Podemos citar o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas qual criança é defendida nessa sociedade? Paul Preciado (2013) questiona sobre quem defende a criança queer, bicha, lésbica. Em sua reflexão, o filósofo conclui que o direito dessa criança, tida como universal, é um espectro que na realidade confere poder aos espaços sociais para controlar, punir e guiar as crianças para a heterossexualidade.

Vivemos em uma sociedade onde a criança defendida é aquela que se assemelha aos traços hegemônicos em nossa sociedade: uma criança do modelo universal: cisgênero, branca, heterossexual, rica, em conformidade com o discurso sobre família patriarcal. Às crianças são oferecidos dois destinos: mão de obra e reprodução. Desse modo, as crianças queers, as crianças negras, indígenas, autistas, pobres, com deficiências, enfim, são tidas como as “outras”. Para essas crianças há violências, exclusões e mortes em seus corpos e sonhos.

No entanto, temos que levar em consideração que todo esse pensamento revela algo de adultocêntrico ao questionar somente “quem pode defender”, como se as crianças não inventassem formas criativas e intuitivas de lidar com a violência. Enquanto crianças, aprendemos a lidar, driblar, sobreviver e resistir aos espaços cisheteronormativos em casa, na escola e na sociedade. Há potência e resistência nas crianças que podem e devem estar alinhadas aos processos de defesa de seus direitos e de TODAS as crianças.

### **Escrita e resistência**

Mas por que escrevo este ensaio? Para refletir sobre as formas de resistência que intuitivamente, neste caso, a criança bicha constrói enquanto uma das infinitas possibilidades de resistir aos processos de violência cisheteropatriarcal.

Mais do que um método, estou falando do conteúdo político inscrito numa aversão radical da hegemonia acadêmica. Falo do compromisso político em desconstruir



um fazer acadêmico-científico lido como neutro e universal, como projeto eurocêntrico moderno que continua reinscrevendo corpos plurais em uma formatação acadêmica de subalternidade, objetificação e de impotência. Por isso, escrevo.

Escrevo de um lugar localizado, intensamente afetado pela sensibilidade da escrita feminista negra, lésbica e queer, pela experiência e aprendizagem com as crianças no espaço de trabalho. Vivências de bicha nascida na periferia na Zona Norte de Sorocaba, da militância, de seus privilégios brancos, de homem cis, de alguém graduado em psicologia e dentro do espaço de pós-graduação na academia.

Escrevo como ato científico-político, pois muitas vezes sou pego pelos versos de Gloria Anzaldúa, feitos para mulheres de cor e de Terceiro Mundo, mas que me alcançam e me tocam:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (Anzaldúa, 2000, p. 232)

Escrever sobre nós, sobre memórias de corpos subalternizados em nossa sociedade, nos traz a possibilidade de reconectar os fragmentos em busca de uma consciência que rompa com o binarismo colonial: luz/escuridão, rosa/azul, sujeito/objeto. Romper com a colonialidade que nos acomete cotidianamente é enfrentar uma luta feita nas fronteiras psicológicas e corporais, uma terceira via para integrar uma

consciência individual e coletiva de experiências que habitam a fronteira e transcendem os estigmas das histórias que nos significaram e nos (des)informaram sobre nós. Escrever e significar a si próprio é ir além dessa violência epistêmica e do apagamento ocidental que nos reduz a objeto, a abjeto, ao outro, ao sofrimento individualizante e culpabilizatório.

Podemos e devemos contar nossa própria história, pois nossas experiências de vida não são somente dor, mas também formas de teorizar, potência e resistência epistêmica. Teoria essa que rompe com o modelo positivista de fazer ciência baseada na neutralidade. Nesse sentido, adotar a metodologia da autohistoria-teoria de escrita como processo sobre a própria história pessoal e coletiva usando “elementos fictícios, uma espécie de autobiografia ou memória ficcionalizada; e autohistoria-teoria é um ensaio pessoal que teoriza” (Anzaldúa, 2009, p. 578) e que nos permite a autodeterminação e repensar a violência que sofremos e causamos como forma de desaprendizagem.

Enquanto homem gay, branco e cisgênero, teorizar sobre a própria história rumo a “la consciencia mestiza”, de Anzaldúa (2005), é coletivizar reflexões, resistências e modos plurais e autodeterminados de ser, desconstruindo machismo, sexismo, racismo, autoviolência e possibilidades coletivas de descolonização. Assim, poderemos estar em todos os lugares, num tipo de mistura que possa construir pontes entre nossas fronteiras, intercambiando novas formas de ser homem e ser com os outros: “[...] O mestizo e o queer existem nessa época e nesse ponto do continuum evolucionário com um objetivo. Somos uma mistura que prova que todo sangue é intrincadamente ligado entre si, e que somos crias de almas similares” (Anzaldúa, 2005, p. 712).

Ao confeccionar esta carta não parto da premissa de caminhar em direção a verdades, conclusões ou respostas universais, pois desse modo continuaria reproduzindo formas de construção de saberes coloniais. Proponho brincar, compartilhar experiências afetivo-políticas, inventar possibilidades de potência da vida, de rememorar e resgatar a experiência artesanal na carne e utilizá-la como barricada, como um aprender a respirar (Mendonça, 2020).

A responsabilidade científica-política presente ao produzir uma carta das entranhas da carne, como tentativa de descolonização que tento alcançar neste texto, envolve repensar o conceito de cura numa perspectiva crítica de produção acadêmica em torno do tema. Vamos então brincar, onde haja a possibilidade de cura como feitiço: “Um processo de cura pra mim é como se fosse um feitiço que voltasse contra a própria feiticeira: como se eu fosse um pouco a médica e a monstra” (Linn da Quebrada, 2019).

Os tons de cura do qual busco fugir aqui são aqueles que buscam nos tornar mais humanos, mais aceitos, mais polidos, higienizados e normativos. Não estou dizendo que as violências destrutivas, marcadas pela diferença, não precisem de cuidado. Pelo contrário, precisamos de espaços de cuidado coletivo, de afetos e afetações anticapitalistas e comunitárias, e que se afastem cada vez mais dos sentidos coloniais de saúde, adaptação, higienização, sucesso, progresso, civilização, normalidade e cooptação neoliberal.

Não quero ser curado pelos mesmos moldes das estruturas que nos machucam cotidianamente através da assimilação e homonormatividade. Estamos numa sociedade que articula a promoção da violência para depois vender a cura, assim como fazem com os agrotóxicos. Queremos ser curados sem que a cura alcance quem repetidamente nos machuca, adiando uma próxima violência que, para alguns corpos, pode ser a morte?

Busca-se a cura para os traumas, no sentido de esquecê-los, de revertê-los, de adaptá-los, transformá-los ou repará-los. Mas, digo: não quero que mexam no meu trauma. Não é ele quem precisa de cura, ainda mais desse tipo. Repito: o cuidado é necessário, mas precisamos politizar nossas feridas e repensar o que promovemos enquanto curamos:

Articular essa dimensão negativa, propriamente abolicionista, de todo o processo que se precipita sobre e contra o mundo como nos foi dado conhecer, é parte do necessário trabalho de cuidado que esses processos ensejam. Cuidar aqui, não tem uma função reparativa, pois designa, mais diretamente, um trabalho sobre o limite, para o limite, e contra qualquer ideia de cura como retorno e restituição de coesão ao corpo social. É possível que

fazer transição, assim como descolonizar, demande uma forma de cuidado que seja solvente, isto é: que faça a mediação das coisas que deterioram, acompanhe a duração da ruína, adense a rachadura do horizonte e faça assentar em lava o mundo de sentidos fórmulas, figuras e obras de poder que toda transição, assim como toda descolonização, demanda que queime. (Mombaça, 2021, p. 60)

Desse modo, pensar numa dimensão negativa abolicionista dos processos de violência que demandam essa cura se torna um processo político e coletivo, pois desaprender esse modelo de cura pode possibilitar o fim de um processo de ciclos de violência para si e para outros corpos numa dimensão que ultrapasse o processo de cura individual.

Afinal, quem tem o acesso a este tipo de cura? Quais corpos têm acesso a curar-se dentro da lógica individualista neoliberal que fabrica traumas e curas é quem pode pagar por ele. Nesse sentido, Mombaça (2021) e Anzaldúa (2005) dialogam ao pensarem a decolonização dos processos sociais no sentido de transgressão das estruturas modernas ocidentais ao se posicionarem de forma não assimilacionista. Não se assimilar é um movimento político do que fora denominado queer. Não proponho aqui me aprofundar muito no conceito queer, mas se faz importante compreender como o conceito de cura vem sendo somado ao queer para, no Sul Global, ganhar status e visibilidade.

É um risco cairmos nas armadilhas de espaços de sujeição que as pessoas queer vêm ganhando, através da política da diversidade, abordando o tema do trauma. Se, por um lado, oferece certa posição de privilégio, em outros sentidos, apoia-se numa auto-objetificação positiva do sofrimento das dissidências, normatizando-as, polindo, esvaziando o sentido político do queer, pois serve para o consumo de pessoas ricas e com acesso a privilégios acadêmicos.

### **Cápsula para o passado**

Entendendo e buscando dialogar com a criança que fui através do processo da busca cotidiana rumo à *consciencia mestiza*, da (re)construção dos fragmentos separados pelo cisheteropatriarcado, elaborei uma carta para o passado com o intuito político-coletivo de resistência descolonizadora através da escrita orgânica e linguagem das “irmã”, das gays, das bichas, das sapatão, das trans e travestis, das mulheres negras, lésbicas, nordestinas, da intimidade e da posição de vulnerabilidade. Mesmo diante da insegurança de escrever e do processo de desconstrução e desaprendizagem que acredito ser permanente, me risco, arrisco:

Terra Rasgada, 15 de dezembro de 2021.

Inhiiii! Qual o babado?

Gata, a senhora é uma poczinha cheia de vida, odara! Em alguns momentos vai ser uó viver num país como Brasil, numa cidade de Terra Rasgada e no Sul do mundo. Mas vim desaquendar outro bafo com você.

Tenho muito a aprender com você! Dança “é o tchan” como ninguém. Dubla Sandy em cima do sofá como se estivesse em um show e usa as melhores camisetas como próteses de picomã nas brincadeiras. Como conseguia rebolar essa raba deixando todo mundo barbarizado? Como fui desaprendendo isso? Acho que se eu pedisse para me ensinar, você diria algo como: – É assim, ó. – Pegando em minha mão e explicando duas ou três vezes.

Brinche bicha! Para ser bicha tem de ter muito talento! O mundo sempre foi e estará doente! E quando se perder, pois você vai, ouça as mulheres.

Ouçã as mulheres do fim do mundo que te ensinarão que a mulher sairá de dentro de cada um, mesmo que o mocinho seja matado por ser diferente, pois esse mundo precisa acabar.

Ouçã as pessoas estranhas, as pessoas LGBTQIA+, pois elas te ensinarão o sentido de família que não precisa só ser de sangue.

Ouçã as mulheres escritoras que irão te tocar, elas ensinarão como a teoria pode curar, pois elas farão fissuras no mundo doente.

Ouçã as mulheres lésbicas, pois, com muito manejo, elas te ensinarão a respirar. Respirar é necessário para continuar a dançar e fazer magia.

Ouçã as mulheres que se foram e, quando esquecer, olhe as placas. Elas te ensinarão a não desistir, pois muitas lutas foram feitas antes desse momento para que você estivesse aqui.

Por fim, ouçã as mulheres bixa travesty, pois elas te ensinarão a aceitar, ser e imaginar e amar nossa estranheza e monstruosidade mesmo diante do fracasso.

Mas um lembrete, viadu. Não ouçã passivamente. Cada um vai ter que fazer seu próprio trabalho! Ouçã junto, ouçã com, esteja com. Não vou pedir para fracassar, pois isso fazemos muito bem! Mas é dele, do fracasso que sairão muitas potências coletivas.

E para terminar essa carta, rogo uma praga:

EU DETERMINO QUE TERMINE AQUI E AGORA  
QUE TERMINE EM MIM, MAS NÃO ACABE COMIGO  
EU DETERMINO QUE TERMINE EM NÓS E DESATE  
E QUE AMANHÃ, QUE AMANHÃ SEJA DIFERENTE COM ELAS  
QUE TENHA OUTROS PROBLEMAS E ENCONTREM NOVAS  
SOLUÇÕES  
E QUE EU POSSA VIVER NELAS, ATRAVÉS DELAS, EM SUAS  
MEMÓRIAS  
E EU ROGO SOBRE NÓS ESSA PRAGA. (Linn da Quebrada, 2019)

### Considerações finais

Que diante desta tentativa que pode se tornar um erro, possamos rumar para o fim do mundo, juntos de nossas famílias não consanguíneas, juntos das resistências linguistas e escritas, respirando e rogando pragas ao mundo, em nós e com nossos ancestrais, monstros erráticos do apocalipse e rumo a uma nova consciência que nos permita romper com o nosso estado de ignorância.

### Referências

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução Édna de Marco. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 11 out. 2022.

ANZALDÚA, Glória. La consciencia de la mestiza/ Rumo a uma nova consciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 704-719, set.-dez./2005. DOI: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300015>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2005000300015>. Acesso em: 11 out. 2022.

ANZALDÚA, G. Now let us shift... the path of conocimiento... inner works, public acts. In: AnaLouise Keating. (Ed.) **Light in the Dark/Luz en lo Oscuro: Rewriting Identity, Spirituality, Reality**. Durham, N.C.: Duke University Press, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1215/9780822375036>.

BENTO, Berenice. Na escola que se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio-ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 10 out. 2022.

LUGONES, Maria. On Borderlands/ La Frontera: An Interpretative Essay. *Hyphatia*, Cambridge, v.7, n. 4, 1992, p. 31-37. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1527-2001.1992.tb00715.x>. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/SCHOBF>. Acesso em: 11 out. 2022.

MOMBAÇA, J. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MENDONÇA, Viviane. **Um dia você vai sentir na própria carne: Afeto, memória, gênero e sexualidade**/ Viviane Melo de Mendonça. Jundiaí [SP] : Paco, 2020.

OS FEITIÇOS e desejos de Linn da Quebrada. [S. l.]. Produção: Uol Tab. Reportagem: Tiago Dias. Imagens e edição: Mariah Kay. 2019, vídeo (11min 34s). Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwC\\_HVtw](https://www.youtube.com/watch?v=ExIrwC_HVtw). Acesso em: 14 dez. 2021.

PALMEIRA, Lara V. S. Glória Anzaldúa, uma chicana entre-fronteiras. *Equatorial*, Natal, v. 7, n. 12, jan/jun, 2020. DOI: 10.21680/2446-5674.2020v7n12ID18504. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/18504/12721>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PRECIADO, Paul B. Quem Defende a criança queer? Tradução Fernanda Ferreira Marcondes Nogueira. Viçosa, n. 1, jan. 2013, p. 96-99. DOI: <https://doi.org/10.35921/jangada.v0i1.17> Disponível em: <https://www.revistajangada.ufv.br/Jangada/article/view/17/2>. Acesso em: 12 dez. 2021.

Capsule to the past:  
memories of a queer child

Abstract: This is an essay about memories of a queer child. Based on Anzaldúa's consciousness de la mestiza, and as a method, we will use the autohistoria-theory in a playful writing process. I understand this process as a political act of rescue of potency and resistance of bodies crossed by suffering, silencing and erasure of our ways of playing, imagining and telling our own story, as well as producing knowledge that allows (re)imaginings of time and non-hegemonic knowledge construction. It is a letter sent to the past as an alchemical process, as a possibility of resignification of the multidimensional fragmentation in the body/mind, of the very memory of a history (re)told and (re)meant for the past and future, that is, it is a handicraft of simplicity, of the simple, that offers no answer. It is a rescue from the depths of the process of un (Learning) silencing, of the recovery of one's own body, of (re)imagination, that can rehearse stopping here and now, in this last body, so that we can dream, feel, and (in)try other possibilities, other escape routes of being, of being and playing in the world.

Keywords: Memory; Child; Play; Mestiza.



Capsula para el pasado:  
memorias de un niño homosexual

Resumen: Este es un ensayo sobre memorias de un niño homosexual. A partir de consciencia de la mestiza de Anzaldúa y como metodo, utilizaremos autohistoria-teoria en un proceso bromas de escrita. entiendo ese proceso como un acto político de rescate de potencia y resistencia de cuerpos atravesados por sufrimiento, silenciosamente y borrando de nuestras formas de jugar, imagina y cuenta tu propia historia, bien como de producir conocimiento que permita imaginación de tiempo y de construcción de conocimiento no- hegemonía. es una carta enviada. Para al pasado como un proceso alquímico, como posibilidad de resignificar la fragmentación multidimensional en el cuerpo/mente, propia memoria de una historia recontada y (re)significada para el pasado y el futuro es decir es un oficio de sencillez de lo simple. que no ofrece respuesta es un rescate de lo íntimo del proceso del aprendizaje de silenciar, de recuperación del propio cuerpo, de (re)imaginación, que podemos ensayar deteniendonos aquí y ahora, en este último cuerpo, para que podamos soñar sentir inventar otras posibilidades, otras rutas de escapar del ser, estar y jugar en el mundo.

Palabras clave: Memoria; Niño; Juego; Mestiza.

**Recibido: 12/01/2022**

**Aceto: 14/08/2024**